

De Uma Vez Por Todas!, Psicoterapia com Miúdos Institucionalizados ¹

Filipe Baptista-Bastos²

PsiRelacional, Lisboa, Portugal

Estas palavras são uma comunicação apresentada nas 2^{as} Jornadas da Associação de Psicanálise Relacional (PSIR) em Lisboa, na Faculdade de Psicologia. Tratam do percurso de um Psicoterapeuta que mergulha no mundo das instituições e procura socorrer-se da teoria e técnica psicanalítica para respirar; ligando o início da Psicanálise aos tempos actuais. É um relato desprotegido, onde a perspectiva é dada pela experiência do Psicoterapeuta através do que viveu e sentiu no lugar onde se encontra. Nada mais.

Palavras-chave: Psicoterapia / Psicoterapeuta / Jovens Institucionalizados / Início da Psicanálise / Psicanálise Actual / Revelação / Duas Transferências.

These words are a communication presented at the 2nd Conference of the Association of Relational Psychoanalysis (PSIR) in Lisbon, Faculty of Psychology. They deal with the path of a Psychotherapist who plunges into the world of institutions and seeks to rely on psychoanalytic theory and technique for breathing; linking the beginning of Psychoanalysis to the present times. It is an unprotected account where the perspective is given by the experience of the Psychotherapist through what he lived and felt in the place where he is. Nothing more.

Key Words: Psychotherapy / Psychotherapist / Institutionalized Youth / Beginning of Psychoanalysis / Current Psychoanalysis / Disclosure / Two Transferences.

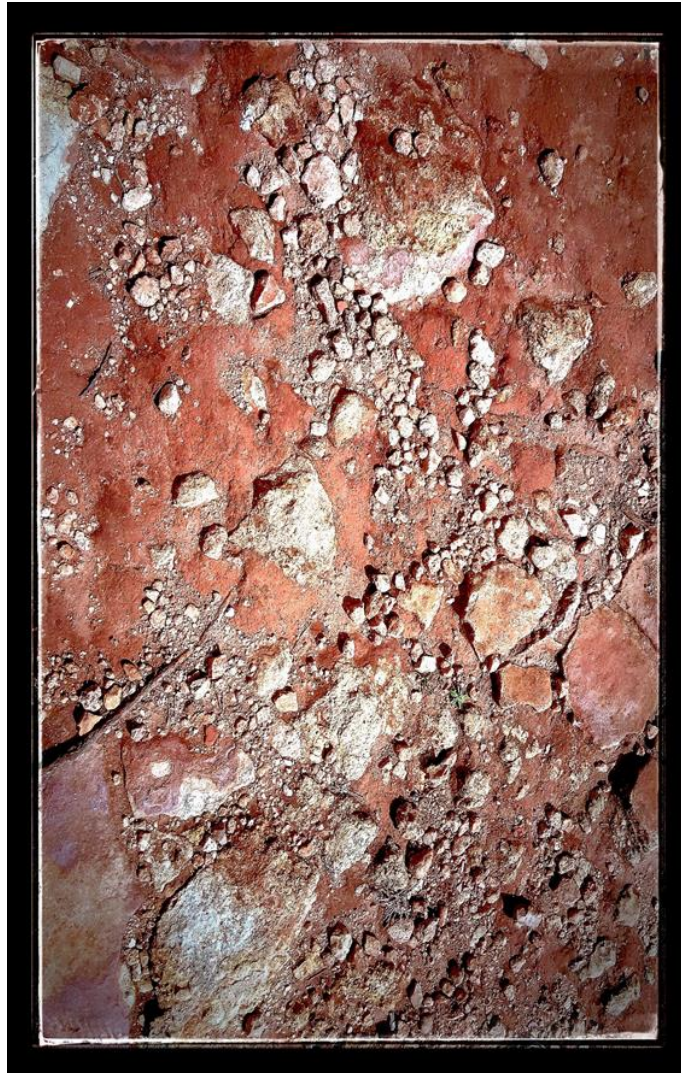
English Title: Once and for all! Therapies with children in host institutions

Cita bibliográfica / Reference citation:

Baptista-Bastos, F. (2019). De Uma Vez Por Todas!, Psicoterapia com Miúdos Institucionalizados. *Clínica e Investigación Relacional*, 13 (1): cxi-cxlvii. [ISSN 1988-2939] [Recuperado de www.ceir.info] DOI: 10.21110/19882939.2019.130110 [V. castellana]

¹ II Jornadas de Psicanálise Relacional. Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 18 de Maio, de 2018.

² Psicólogo clínico e psicoterapeuta, PsiRelacional – Lisboa, Portugal.

DE UMA VEZ POR TODAS!, PSICOTERAPIA COM MIÚDOS INSTITUCIONALIZADOS

Outra vez, outra vez, digo para mim próprio no meio do trânsito de Lisboa. Outra vez o quê?, penso. Tenho tentado fugir disto nos últimos anos. Foi muito tempo metido com miúdos metidos em instituições. E Vrrumm!, nas minhas ideias: Winnicott; Michel Foulcault; Stolorow; Gilbert Diatkine; Bion; João dos Santos – um Príncipe, como o Juiz Armando Leandro que tenho a honra de ter aqui ao pé mim, são Príncipes como já não há – e até Christopher Bollas nos servem para entender o colapso que se vive num mundo criado para o abandono. É um mundo abandonado. Durante 5 anos de 2001 a 2006, trabalhei dentro de uma instituição como Psicoterapeuta. O local era considerado de alto risco, uma casa de loucura. E era!, e não vale a pena estar a culpar ou a vitimizar quem quer que seja, pois estávamos lá.

Comparava o trabalho às Descobertas: éramos um grupo de pessoas danadas, à procura de uma resposta. Fomos. E como era ir? Era o fim de um Mundo, era um Mundo Novo. No filme dos anos 80, "Blade Runner – Perigo Eminente", há um Androide que diz: "Estes olhos viram coisas em que vocês jamais iriam acreditar", era isso que eu sentia. No fundo, tudo isto, como sabemos, era a interiorização de uma mensagem afectiva que vinha dos miúdos com quem trabalhava e entrava em mim. Eu vivia a 10 minutos de carro da instituição. Entrava às 9 e não sabia a que horas saía. Éramos forçados a falar muito uns com os outros. Havia um sentimento de urgência avassalador. Em Terapia, estava com metade das pessoas com que estou hoje, mas passava horas a trocar ideias com os parceiros de trabalho. A falta de rêverie materna ou paterna ou da família ou dos vizinhos. A falta de alguém que pense em nós, faz-nos desejar, ardentemente, ser pensados. E era isso que sucedia, mal ou bem, horas a falar desta miúda, daquele pirralho, da graça deste, da agressividade do outro. Uma vez, um puto quis pegar fogo à instituição. Abandonado pela Mãe desde bebé e deixado à educação do Pai, um homem religioso, ritualista e severo, acabou por entrar no Sistema de Acolhimento devido a tudo isto e à compulsão a roubar. A certa altura, num desespero absoluto, porque ele já tinha criado um bando que assaltava "à cara podre", como diziam os miúdos, o Tribunal decretou que ele fosse enfiado num quarto e lá fechado, aguardando para entrar num Centro Educativo. Nessa altura, em Lisboa, não havia internamento em saúde mental para Adolescentes. Na instituição falou-se sobre o assunto e achou-se desumano deixar o miúdo sem lençóis. Era Verão. O puto, de cuecas, conseguiu levar um isqueiro metido no rabo e ateou os lençóis, e pegou fogo a parte da instituição. Disse que queria matar toda a gente, matando-se a ele, também. Nessa noite, o Director da instituição ligou-me às 5 da manhã: Filipe, fulano tal pôs a Casa a arder! Respondi-lhe: Imagino que chamou os Bombeiros. Deixe-me dormir que daqui a duas horas estou aí e estarei até à noite. Neste episódio, que tem qualquer coisa de tragicomédia, vemos o que é a gravidade da falta de identificação; de como alguém que não viu as dores compreendidas e atendidas ao início da vida, bem pelo contrário, ainda lhe foi cobrado um desenvolvimento acima do que é suposto, foi-lhe cobrada a existência sem concessões. Percebe-se o horrível dano que isto causa. É terrorista, é o não ser identificado e não poder identificar-se.

Não queria falar disto e parece que é um loiô. Não me consigo livrar desses anos que se prolongaram. Fiz trinta por uma linha: grupos de discussão, que, normalmente, se chamam Supervisões, fiz Terapia num Palácio, no Edifício icónico da Segurança Social do Areeiro; no 37 da Avenida Estados Unidos da América e fui-me afastando, quis afastar-me, porque a Terapia de crianças e jovens que foram, violentamente, abandonados e maltratados pelos Pais é muito difícil. E nem sequer tem a ver com o narcisismo do Terapeuta, do que conseguimos, da remissão do sintoma, tem a ver com a dor que sentimos na relação que

estabelecemos. Tem a ver com isso. A dor que sentimos. Não queria mesmo falar sobre isto, mas a ver se faço honra a todos aqueles que comigo trabalharam e foram muitos. Sentia-me com a lista Schindler na mão. Estamos aqui, no 2º Encontro de Psicoterapia Relacional, e não se pode trabalhar de outra maneira, senão, trabalhamos a abandonar o Outro à sua sorte e isso não é moralmente correcto. A alguns parece contraditório pensar que a Psicanálise pode ajudar miúdos nestas circunstâncias, até porque o treino de competências, a mudança de comportamento, sempre estiveram em cima da mesa. Mas não, porque para construir uma relação nova, “a new beginning”, como definiu Michael Balint – que não é por acaso que fez análise com Sandor Ferénczi – é preciso ir a fundo, são precisos anos de vida e de disponibilidade. Nenhuma terapia de alguém que esteve em trauma e em trauma cumulativo, que é uma noção de Masud Khan, analisando e discípulo de Winnicott, pode ser tratada de um dia para outro, como algo passageiro, como uma coisa qualquer. Eu sou um homem numa cultura, por isso, preciso que a política defenda as pessoas que não tiveram oportunidades como haviam de ter. E isso vive-se em Terapia. Não há neutralidade quando estamos em guerra, não há interpretações quando apenas servem para mostrar como somos inteligentes. Temos de nos entregar e isso custa muito porque põe em causa a nossa autenticidade e o desejo de uma vida democrática. O que é paradoxal é pensar que se pode tratar pela rama aquilo que é profundo e intrincado.

Toda a gente sabia que achava Freud genial e me deitava num divã 3 vezes por semana a contar as minhas agruras, mas não podia deixar que isso fizesse de mim um animal raro, bem pelo contrário. Era um animal no mais perfeito habitat. No tumulto, um revolucionário que pensa, é isso que é um Psicoterapeuta, Psicanalista, Relacional. Nem gosto muito do termo “Relacional”, porque relacionarmo-nos é o que temos de fazer. Ninguém existe sozinho. Só, pode existir, mas sozinho não. Teoricamente, temos de ser pessoas a trabalhar com pessoas, ainda mais quando são pessoas que não têm sido tratadas como tal. É assim. Não há magia nenhuma. Eu sou uma pessoa emocionalmente envolvida. Ainda aqui há pouco tempo um rapaz, que tive em consulta durante anos, me disse que se ia embora, mas que nunca se iria embora, porque a nossa relação fazia parte da vida dele e, assim, ia-se embora, mas não se ia embora. O que é que um homem de 42 anos, Pai de família, responde? Disse-lhe que estava muito comovido, que estaria aqui para ele, mesmo que fosse para fazer uma Sessão, apenas uma para pensar sobre algum assunto que o preocupasse. Mas tenho mais e mais e mais: um rapaz que conheci como uma criança psicótica, uma situação rara, que tinha assistido à violação da irmã pelo Padrasto no carro de família, com a Mãe a seu lado a dizer-lhe que não se estava a passar nada. Tudo isto em pleno dia, apanhados em flagrante pela GNR e logo institucionalizadas as crianças. Foram anos, 11 anos, da infância à idade adulta, de um discurso de crocodilos e lagartos a morder até a uma organização obsessiva clássica de saber todos os

jogos do Belenenses e a torcer como parte da “família” do Restelo e a só falar disso. Depois, a dor e o maltrato e o trabalho e a vida que segue com amores e desamores. Um enorme abraço e: “Estou aqui!”. Meses depois, morre o Pai, o único elemento. Telefona, volta logo. E entendemo-nos em como é preciso voltar a sentirmo-nos lá, a pensar, a viver, maldispostos, bem-dispostos, fartos um do outro, a amar, a escutar-nos. Winnicott dizia que só interpretava para que os pacientes entendessem as suas limitações e eu concordo. Mais do que uma interpretação que facilita o amor-próprio do Analista, a posição em que nos entregamos ao outro é bem mais poderosa. Michael Eigen, o Analista americano, diz isso, que precisamos de acolher as pessoas, que é esse o trabalho de um Psicoterapeuta. Quando falamos de crianças, bebés, que são institucionalizados, falamos, na maior parte dos casos, de não haver vínculo, de não haver um ligado ao outro, de não haver um amor que se vê no olhar, por isso tive uma maior dificuldade em trabalhar com a institucionalização desde que tive filhos e, naturalmente, fui diminuindo a minha prática, sempre mantendo algumas pessoas e recebendo outras, até porque, eu faço um trabalho que dura anos. Não consigo ser rápido a tentar ajudar alguém a mudar este Inferno. Winnicott criou o sistema de acolhimento inglês no pós II Grande Guerra e tentou criar um acolhimento sem Lares, um sistema de ligação afectiva, em que os Educadores olhavam e, ao ver, escolhiam com quem ficavam. Isso hoje não é possível, são muitos e muitos na máquina e tem de se dar resposta. A minha ideia é que se devia, radicalmente, acabar com a contabilidade. Os lares deviam ficar reduzidos ao mínimo e miúdo que entrasse havia de ter outras soluções. Acho que isto seria possível com outra cabeça, com outros olhos. Temos ouro nas mãos, não o podemos deitar fora. Penso mesmo que deve haver uma radicalização do discurso e uma mudança do Sistema de Acolhimento. Tem de ser.

Bom, mas vamos, *tecnicamente*, ao que nos traz aqui. Quando não há Mãe! Isso não é possível. Tem de haver Mãe. Como conta o João dos Santos, uma vez um menino chorava porque não tinha Avó e ele, sem grandes alaridos, virou-se e disse-lhe: “Se não tens Avó, arranja-a!”. É isso, no fundo, nós temos de arranjar figuras de identificação que se liguem a estes espaços vazios. Fazendo como diz Bion, no conceito de Continente e Conteúdo: receber, mentalizar e entregar organizado. Mas isto não é fácil. Enquanto escrevia este texto fui fumar um cigarro ao logradouro da minha casa que dá para outro prédio, claro, e nesse prédio tem um andar que é uma instituição, um Lar. Dois putos estendem a roupa da aula de natação e embora seja Fevereiro está um dia Primavera, em que já começa a dar vontade de andar na rua. Um dos putos estende a roupa, o outro chega e manda bocas, o que está a estender a roupinha dá um carolo no outro quando uma senhora chega... a Auxiliar?, a Educadora?, não sei?, mesmo eu que ando faz anos nisto, às vezes, não consigo distinguir. Como é que é? Como se aplica aqui a noção de continente e conteúdo? A coisa não é fácil. Os Educadores e as pessoas que estão

neste trabalho de educar crianças e jovens nesta situação, vivem peripécias que colocam em causa o mais certo dos certos. É claro que já sabemos que há desconfiança na relação (a posição esquizo-paranóide kleiniana), vazio interno, que a construção da personalidade é, vulgarmente, estado-limite com uma tonalidade mais depressiva ou mais narcísica, mas isso não serve de muito nesta altura do campeonato. O encontro é que conta e a disponibilidade que o Psicoterapeuta tem nesse momento. Gentileza, elegância e gostar de outros seres humanos é fundamental. Sem isso não pode haver trabalho. Como escreveu Stolorow, a subjectividade da vivência entre um e outro, a noção do nosso trauma como entendimento do trauma do outro é fundamental. Passados alguns anos, um rapaz que tenho em Terapia fala-me de um período de 6 meses de institucionalização. É horrível o sentimento de humilhação que teve e falamos de um menino que estava sujeito a um clima de agressão sadomasoquista entre os Pais. Mas nada é pior do que a negligência. Nada é pior. Existir mal é melhor do que não existir. E isso é um movimento a ter em conta em Terapia: a perigosa ideia de estender os braços ao que é mau porque é só o que se tem. Isso faz-me lembrar um autor que não referi ao princípio e que tem aqui, na maneira de trabalhar, uma importância fundamental: Fairbairn, com as noções de Sabotador Interno e Defesa Moral, vem trazer luz a várias relações que estabelecemos, mas muito em relação às Mães egoístas, ausentes e frias. Estas Mães, geram uma idealização, uma sedução que leva o bebé a sentir que não pode ter melhor e se tivesse deprimia e ninguém, ninguém, quer deprimir. São precisos anos, porque a representação mental de que a Mãe não foi “suficientemente boa” é um desastre e demora a integrar. Outra coisa é o facto de haver mais, há mais pessoas em volta e que papel podem ter? no caso dos lares, os adultos ficam loucos porque as crianças estão demasiado doentes e infectam as “partes doentes” da personalidade dos adultos e depois o que é comum é que vai quase tudo por água abaixo. Receita?, não há, mas há um cházinho que é o diálogo constante, mediado por uma pessoa que, embora externa, vive do mesmo que a equipa e não é diferente. Se for diferente tem de ir fazer outra coisa, porque não constrói identificações. Por exemplo: já estive desmaiado na minha sala de consulta porque um rapaz descompensou e ao dar-me um pontapé na cabeça fez-me perder os sentidos, já estive imóvel, sessão atrás de sessão, porque a menina que eu acompanhava tinha sido violada pelo Pai e sentava-se e ficava numa concha, sem falar, durante 45 minutos, já tive uma paciente que se sentiu mal minutos antes da sessão e ligou-me da rua ao lado a dizer que estava a sentir-se muito mal e eu disse-lhe logo que ia já lá. É isto, a meu ver, é a humanidade. Mas não só, é preciso conhecer a Psicanálise ao início, a motivação de todos eles em tratar e em não ter medo de experimentar, o Trauma do Nascimento de Otto Rank; Construção em Análise de Freud; a Confusão de Línguas de Sandór Ferenczi. Tudo isto conta quando, pela primeira olhamos uma menina ou um menino que nos chega. Esse encontro tem de ser feito com a noção de que há duas

transferências: a minha e a do Paciente, a outra pessoa; de que vivemos num mundo em que sucedem coisas em comum: existe uma cultura e essa determina o modo como nos relacionamos, senão psicotizávamos; de que a vivência em instituição é burocrática e assustadora e ninguém a quer e quem a quer está no maior dos desesperos.

Outro dia, à porta de uma Unidade de Saúde onde trabalho, um senhor de 60 anos pediu-me um cigarro e eu disse-lhe: "Custa-me, mas aqui à porta não lhe posso dar, porque sou profissional de saúde. Se fosse um pouco mais além dava-lhe." "Então vamos um pouco mais além!", afirmou. Dei-lhe um cigarro, fumámos e falámos. Disse-me que com 3 anos tinha ido para a Mitra porque a Mãe não tivera condições para criá-lo e que depois fora para a Casa Pia onde aprendera uma profissão. Fiquei impressionado com a dureza do que ele me contava. Havia um Educador que gostava dele e lhe dava de comer mais que aos outros. Para além do arroz branco, juntava o berbigão que apanhavam. Fumava a baforadas intensas e ia-me falando com amargura e zanga daqueles tempos. Senti-me um igual, a conversar com um senhor que podia ser meu Pai, senti-me respeitado e a respeitar. A questão do poder é fundamental em Terapia e, ainda mais, na Terapia institucional. Uma Mãe esteve para faltar à uma Sessão, em que ia acompanhar o filho, com medo que eu tivesse avisado a Comissão de Protecção de Menores e os profissionais da Comissão estivessem lá para retirá-lo. São pessoas magoadas e que têm de ser tratadas como pessoas. Penso que temos de continuar a dar muita importância a quem cresce sem Mãe, nem Pai, nem família, que flutua de meio em meio, sem, afectivamente, ter o básico para um ser humano viver. Era magnífico que acabássemos com esta dor de uma vez por todas, senão ela continua a voltar para nós.

Muito obrigado.

REFERÊNCIAS

- Balint, M. (1994). *Primary Love and Psychoanalytic Technique*. London: Karnac Books (Orig.1952).
- Bion, W. (1992). *Conversando com Bion. Quatro Discussões com W. R. Bion. Bion em Nova Iorque e em São Paulo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bollas, C. (2013). *Catch Them Before They Fall: The Psychoanalysis of Breakdown*. London and New York: Ed: Routledge.
- Deeley, M., Scott, Ridley. (1982). *Blade Runner*. United States: Warner Bros.
- Diatkine, G. (1986). *Las Transformaciones de la Psicopatía*. Madrid: Tecnipublicaciones (Orig.1983).
- Fairbairn, R. (2000). *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega (Orig.1952).
- Ferenczi, S. (2002). *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-analysis* London: Karnac Books (Orig.1955).

- Freud, S. (2011). *Transferência, Construções e Fins da Psicanálise*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas (Orig.1914, 1937).
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes (Orig. 1975).
- Kaniel, R. (2013). (Interview With Michael Eigen, Therapist from the Depths: A Conversation with Michael Eigen). Tikkun, to Heal, Repair, and Transform the World. Retrieved from <http://www.tikkun.org/nextgen/therapist-from-the-depths-a-conversation-with-michael-eigen>.
- Khan, M. (1996). *The Privacy of the Self*. London: Karnac Books (Orig.1974).
- Klein, M. (1991). *Obras Completas de Melanie Klein, VOLUME III - Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago (Orig.1975).
- Rank, O. (1929). *The Trauma of Birth*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd.
- Santos, J. (2000). *Vida Pensamento e Obra*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stolorow, R. (2011). *World, Affectivity, Trauma: Heidegger and Post-Cartesian Psychoanalysis*. New York: Routledge
- Winnicott, D. (2002). *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes (Orig.1984).
- Winnicott, D. (2010). *Psycho-Analytic Explorations*. London: Karnac Books (Orig.1989).

Original recibido con fecha: 26/9/2018 Revisado: 15/03/2019 Aceptado: 30/03/2019

En este mismo número de CeIR se publica la version castellana de este trabajo.